

## CINEMA E SUBVERSÕES DE GÊNERO NO UNIVERSO INFANTIL

ISADORA EBERSOL<sup>1</sup>; NÁDIA DA CRUZ SENNA (ORIENTADORA)<sup>2</sup>; ANA PAULA PENKALA (CO-ORIENTADORA)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [isadora.ebersol@gmail.com](mailto:isadora.ebersol@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alecrins@uol.com.br](mailto:alecrins@uol.com.br)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [penkala@gmail.com](mailto:penkala@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca refletir sobre a construção e representação das identidades de gênero no cinema contemporâneo a partir de filmes que utilizem o universo infantil para relativizar o que se entende por masculino e feminino e questionar as convenções aceitas e perpetradas de gênero. Neste sentido, o enfoque desta investigação se concentra nos filmes *Tomboy* (2011) de direção de Céline Sciamma, *Valente* (Brave, Disney-Pixar Animations, 2012), dirigido por Brenda Chapman e Mark Andrews e *Minha Vida em Cor-de-Rosa* (Ma vie en rose, 1997) de Alain Berliner e nas relações que podem ser estabelecidas entre os três protagonistas destes filmes. A proposta deste estudo é de problematizar os binários feminino/masculino menina/menino e atentar para a instabilidade das categorias de gênero a partir dos personagens Laure, Merida e Ludovic, crianças que não se enquadram nas normas de gênero impostas a eles dentro dos contextos sociais e históricos em que se situam dentro da narrativa.

É fundamental para este trabalho entender sexo e gênero como construtos discursivos plurais e instáveis em constante construção/desconstrução e, para isso, apoia-se nos estudos culturais e tem como referencial os estudos das teóricas Judith Butler (2003), Simone de Beauvoir (1967) e Laura Mulvey (1983).

Este estudo faz parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado acadêmico do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas onde analiso a representação da mulher no cinema contemporâneo através da direção de arte.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa trilha um caminho metodológico qualitativo, permitindo o estudo segundo relações interpretativas que surgem a partir da observação do objeto e relações teóricas possíveis de serem realizadas para o aprofundamento das questões e fenômenos estudados.

Primeiramente, os filmes foram selecionados a partir de um universo preliminar contendo 68 filmes que foi definido na fase inicial da pesquisa, ainda em desenvolvimento. A identificação de uma representação relevante e/ou subversiva da mulher foi o principal critério para a seleção deste universo preliminar, que conta com longas-metragens produzidos entre os anos de 1982 e 2012, período em que foi identificada uma maior pluralidade de representações. A partir desta seleção, foi possível definir os filmes que seriam analisados para este estudo, priorizando as obras que retratassem o universo infantil e concentrando-se em personagens infantis que, dentro do contexto da narrativa, apresentassem identidade, ações e desenvolvimento que rompessem com as convenções de gênero estabelecidas e ampliassem o entendimento de masculino e feminino. Foram selecionados, a partir destes critérios, os longas-metragens *Tomboy* (2011) *Valente* (2012), e *Minha Vida em Cor-de-Rosa* (1997).

Os filmes *Tomboy* e *Valente* possuem ambos protagonistas femininas: Laure e Merida, respectivamente. *Minha Vida em Cor-de-Rosa*, no entanto, possui como protagonista um menino, Ludovic, que acredita ser uma menina, agindo como tal. Ao chegar a estes três filmes e observando seus protagonistas, decidi elaborar um estudo relacionando os personagens das três narrativas sob a perspectiva da construção da identidade e relações de gênero, atentando para uma possível desestabilização das categorias de gênero. Procurei analisar a construção visual dos personagens, além de suas ações e desenvolvimento dentro da narrativa, criando elos com a temática de gênero. Neste sentido, buscou-se aproximar de um quadro teórico que problematizasse estas questões, sendo fundamentais os estudos sobre gênero enquanto categoria de construção discursiva, instável e plural de Judith Butler (2003), os estudos sobre a condição da mulher na sociedade de Simone de Beauvoir (1967) e as teorias sobre a representação da mulher e o personagem feminino no cinema de Laura Mulvey (1983).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Tomboy*, Laure é uma menina de 10 anos que, ao mudar-se com sua família para uma nova casa, acaba apresentando-se para seus novos vizinhos como Mikaël - um menino. Laure/Mikaël, então, passa a adotar a identidade masculina entre as crianças da vizinhança, enquanto arruma formas de não ser descoberta pelos seus familiares em casa ou desmascarada pelos seus amigos.

Laure já se vestia e agia de forma considerada masculina desde o início do filme, porém sua personalidade era vista de forma natural pelos seus pais. Jeanne, sua irmã mais nova, representa o contraponto com Laure, aproximando-se mais do que socialmente se considera como feminino. No entanto, a diferença não é motivo de disputa ou oposições e a relação entre as duas é de proximidade e de cooperação.

Segundo Miskolci (2012), “Cada um de nós – homem ou mulher – tem gestuais, formas de fazer e pensar que a sociedade pode qualificar como masculinos ou femininos, independente do nosso sexo biológico.” (MISKOLCI, 2012, p. 32). Deste modo, pode-se entender que as características de “feminino” e “masculino” incorporam-se tanto no homem quanto na mulher de diferentes formas, produzindo uma gama de variações entre identidades consideradas “puramente femininas” ou “puramente masculinas”. Butler (2003, p. 25) considera que não só o gênero é uma construção cultural, como também o sexo. Dentro desta perspectiva, o sexo não seria só uma categoria biológica fixa e imutável e sim faria parte de uma construção social e cultural em processo contínuo de significação (BEAUVOIR, 1967). Neste caso, Laure e Mikaël se confundiriam em um “ser” que, apesar de duplo, é ao mesmo tempo tanto Laure quanto Mikaël. Onde os polos não se anulam, mas complementam um ao outro dentro da mesma identidade que está sendo construída. A paleta de cores do filme atua de forma a reforçar essa subversão de gênero, utilizando as cores vermelho e azul como representação visual do feminino e do masculino e subvertendo esta lógica ao colocar Laure vestida de roupas consideradas masculinas, porém de cor vermelha e, ao final, quando é descoberta pela mãe, é forçada a usar um vestido, porém este da cor azul.

Em *Valente*, Merida - que é a primeira protagonista feminina de um filme da *Pixar Animation Studios* - é uma jovem princesa escocesa que decide lutar contra a tradição que faz com que tenha de se casar para manter a ordem em seu reino, rebelando-se contra o padrão de comportamento que precisa adotar por ser

princesa e por ser mulher e entrando em conflito com sua mãe, a rainha Elinor. Merida é arqueira e está determinada a trilhar seu próprio destino, independente dos planos de sua mãe.

Ao contrário de Laure, Merida veste-se com vestidos, espartilhos e roupas femininas da época, porém também rompe com estas vestimentas, rasgando-as quando restringem seus movimentos ao competir no Arco e Flecha com seus pretendentes. Mérida possui cabelos volumosos, crespos e ruivos que contribuem na representação visual de sua rebeldia e símbolo de sua liberdade. Na cena onde ela conhece seus pretendentes, sua mãe prende seus cabelos e coloca um espartilho apertado, em analogia a supressão de sua liberdade e vontade, e Mérida insiste em puxar uma mexa para fora, como que para preservar sua identidade individual.

Elinor é representada ao mesmo tempo como mulher forte que comanda o reino - muitas vezes a frente de seu atrapalhado marido, o rei Fergus - e como agente repressora que atua para manter os costumes que determinam que a mulher tenha que ser contida, delicada e siga a tradição de casar e ter filhos. Segundo Simone de Beauvoir, “a filha é para a mãe ao mesmo tempo um duplo e uma outra, (...) impõe à criança seu próprio destino: é uma maneira de reivindicar orgulhosamente sua própria feminilidade e também uma maneira de se vingar desta.” (BEAUVOIR, 1967, p.23). Deste modo, Elinor vinga-se de sua feminilidade ao mesmo tempo em que orgulhosamente a reivindica, impondo-a a Merida. Da mesma maneira, em *Tomboy*, a mãe de Laure, ao descobrir que ela se passa por um menino para as crianças do bairro, a obriga a colocar um vestido e ir revelar sua farsa perante as crianças e seus pais.

Ao final de *Valente*, Merida consegue que sua mãe desista do casamento e subverte a lógica da princesa passiva dos contos de fadas a espera do príncipe encantado que a conduzirá ao seu destino – representação eternizada especialmente a partir dos estúdios de *Walt Disney*. Segundo Laura Mulvey (1983) historicamente, o cinema reservou aos personagens femininos o lugar de objeto passivo do olhar, enquanto a figura masculina pode ser considerada o sujeito ativo de toda ação narrativa. Merida, que condensa em si os papéis de princesa e guerreira, é o sujeito ativo de *Valente*: os seus atos resultam no avanço da história. Quando Merida rompe com o seu tradicional destino, está rompendo com as próprias imposições de papéis de gênero em que as mulheres estão submetidas dentro de sua cultura e de seu tempo.

Em *Minha Vida em Cor-de-Rosa*, Ludovic é um menino de 7 anos de idade que se sente como se fosse uma menina e está convencido de que o fato de ter nascido em corpo de menino é um erro científico. Os seus pais que, assim como os de Laure em *Tomboy*, tratam seu comportamento com normalidade no início do filme, acabam enxergando Ludovic como um problema na medida em que os vizinhos e colegas de escola passam a tratá-lo mal e excluí-lo das atividades sociais, até mesmo retirando-o da escola através de uma petição.

O contexto inicial da narrativa é parecido com o de *Tomboy*. Ambos chegam a um novo bairro e são aceitos dentro da família que não questiona seu comportamento. No início, as crianças não veem problema no comportamento de Ludovic, mas acabam interiorizando o comportamento repressivo dos adultos que repelem o menino. Por romper as normas de gênero estabelecidas, Ludovic é relegado à abjeção que, segundo Miskolci (2012) “se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2012, p.24). Pode-se observar este medo nas reações dos vizinhos, principalmente de Robert, pai de Jérôme, menino que no início da narrativa tem um relacionamento com

Ludovic, onde planejam se casar. Robert, com medo que seu filho se torne homossexual, reage de forma agressiva e o proíbe de ver Ludovic, alegando que irá para o inferno. Para evitar o sofrimento de sua família, Ludovic representa estereótipos masculinos, acreditando que assim ele poderá se tornar um menino e acabar com o problema.

#### 4. CONCLUSÕES

Este estudo faz parte de uma pesquisa que se encontra em desenvolvimento, portanto os resultados aqui apresentados são parciais. Contudo, a análise destes filmes se mostra importante para discutir a instabilidade das categorias de sexo e gênero (BUTLER, 2003) e entendê-las como categorias múltiplas, instáveis, ampliando as possibilidades de representar o feminino e o masculino presentes em um mesmo personagem e de pensar o cinema enquanto produtor de sentido, especialmente no que tange as representações sociais e culturais. Através da análise dos personagens pude observar as representações visuais que atuaram de forma a reforçar suas identidades ou mesmo subvertê-las.

No caminho para agir da forma que desejavam, as personagens Laure, Merida e Ludovic encontraram não só a resistência de uma sociedade que segue padrões rígidos de comportamento e convenções de gênero, como também foram relegados à abjeção e, por vezes, foram alvos de uma violência normatizadora que age sobre aqueles que fogem dos padrões estabelecidos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARQUES FILHO, A. & CAMARGO, Flávio Pereira. **Ma vie en rose: identidade, corpo e gênero no cinema francês contemporâneo**. OPSIS (UFG), v. 8 n 10, 2008, p. 78-98.

MISKOLCI, Richard . **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012. 82 p. (Série Cadernos da Diversidade, 6).

MULVEY, Laura. "Prazer visual e cinema narrativo", in Xavier, Ismail(org.), **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro, Graal, 1983, pp. 435-453.

SABAT, Ruth Ramos. **Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acessado em: 10 de agosto de 2013. Disponível em: < <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/truthsa.PDF>>